

Letra inédita de Adoniran Barbosa ganha melodia

PÁGINA 3



Paulo Halm volta à telona com 'De Pai pra Filho'

PÁGINAS 4 E 5



Xico Sá solta os cachorros contra a burrice brasileira

PÁGINA 7



2º CADERNO

Por Affonso Nunes

Se você frequenta as melhores rodas de samba da cidade já se deparou com Antônio Eustáquio Trindade Ribeiro, ou melhor, com Toninho Geraes. Cantor e compositor, ele é dono de sucessos que o Brasil conhece nas vozes Zeca Pagodinho (“Toda Hora”, “Seu Balancê” e “Pago pra Ver”), Beth Carvalho (“Se a Fila Andar”) e Diogo Nogueira (“Alma Boêmia”) e tantos outros intérpretes. Mas também solta a voz, com carisma e personalidade, como em “O Amor dos Poetas”, seu sétimo álbum, já disponível nas plataformas digitais e com show de lançamento nesta quarta-feira (7) no Teatro Rival Petrobras, com participações de seu filho, Alison Geraes, da cantora Marina Iris e de Chico Alves, um de seus mais frequentes parceiros.

Neste trabalho, Geraes mostra uma nova safra de canções um repertório que passeia pelo romantismo, mas sem abrir mão da alma boêmia do artista.

A faixa-título, composta em parceria com Chico Alves, é uma homenagem a Luiz Carlos da Vila, referência para a dupla. O novo álbum pretende mostrar a faceta de intérprete de Toninho Geraes, incorporando músicas de outros autores, entre elas “Sozinho”, um megasucesso de Peninha, também gravada também por Sandra de Sá, Tim Maia e Caetano Veloso. “É muita responsabilidade concorrer com essas feras. São grandes nomes da música, que fizeram versões lindíssimas. Mas teve um dia, recentemente, que fui arriscar to-



Divulgação

Um cidadão do Samba

Toninho Geraes rima romantismo com boêmia em ‘Amor dos Poetas’, seu sétimo álbum

cá-la no cavaquinho e o resultado ficou ótimo. Todo mundo gostou. Aí, decidimos colocar no álbum”, conta Toninho Geraes cujo apelido foi dado pelo amigo Zeca Pagodinho.

A faixa “Um samba de Saudade”, belíssima canção já gravada também pelo grupos Casuarina e Arruda está, claro, presente na

obra. O álbum ganha um clima de descontração com a regravação da faixa “Maria, Mariazinha”, que contou com a participação divertidíssima do recém-falecido Anderson Leonardo, do Grupo Molejo. A faixa “Samba Guerreiro”, que ganhou o seu primeiro registro na voz de Jovelina Perola Negra, e “Luz da Minha Vida”, gravada por

Roberta Sá no álbum “Sambassá”, também fazem parte da obra.

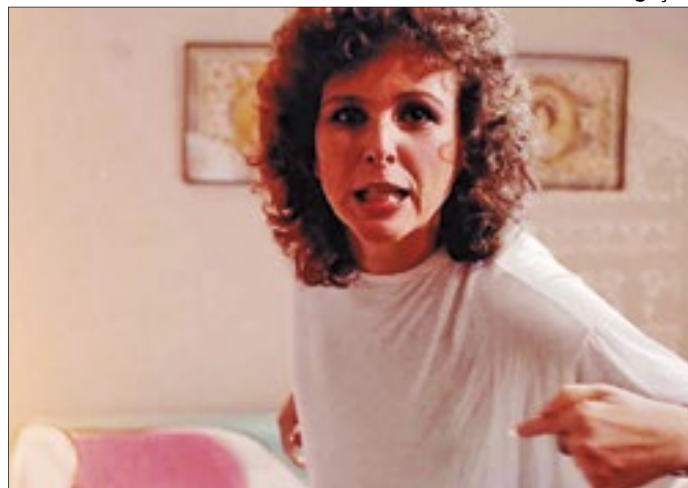
Fechando o álbum vem a faixa “Seu Zé”, de Claudinho Guimarães, que faz uma homenagem ao povo de rua através da figura da entidade Zé Pilintra e já possui um clipe disponível nas plataformas digitais com mais de 1 milhão de visualizações.

SERVIÇO

TONINHO GERAES
| O AMOR DOS
POETAS

Teatro Rival Petrobras
(Rua Álvaro Alvim, 33
- Cinelândia)
7/8, às 19h30
Ingressos entre
R\$ 50 e R\$ 120

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Irene Ravache é a narradora de 'Que Bom te Ver Viva'

Canal Brasil celebra a filmografia de Lúcia Murat

Nesta terça (6) o Canal Brasil exhibe dois filmes da cineasta, diretora e produtora carioca Lúcia Murat. O documentário "Que Bom Te Ver Viva" e o drama "Ana. Sem Título" poderão ser conferidos às 20h30 e às 22h10, respectivamente. As histórias retratam o contexto da ditadura militar entre 1964 e 1985, período em que a cineasta atuou

como integrante da luta armada contra o regime. "Que Bom Te Ver Viva", que traz o depoimento de oito ex-presas políticas torturadas durante o regime militar no país. Irene Ravache é a narradora da história e também personagem principal. O filme foi premiado pelo Festival de Brasília de 1989 em cinco categorias.

Para rever Glória

Um dos ícones do jornalismo da Globo, Glória Maria (1949-2023) vai ter a carreira retratada em um novo projeto da emissora. O canal prepara uma série documental sobre ela. A produção, no entanto, ainda está em fase de desenvolvimento.

Para rever Glória II

A jornalista trabalhou na Globo por mais de 50 anos, onde imprimiu um estilo único e totalmente pessoal de fazer reportagens. Ela começou a carreira como estagiária na rádio-escuta e passou pelos principais programas jornalísticos da emissora.

Aposentadoria

O Aerosmith anunciou sua aposentadoria definitiva dos palcos, devido a uma lesão nas cordas vocais do vocalista Steven Tyler, de 76 anos. O grupo fez o anúncio no Instagram. "A voz de Steven é um instrumento como nenhum outro", diz o texto.

De saída

A Companhia das Letras anunciou a saída do jornalista Matinas Suzuki Jr. da empresa no próximo ano. Segundo o comunicado da editora, ele deixará o cargo de diretor de operações, que ocupa desde 2010, para se dedicar a projetos pessoais.

CRÍTICA / DISCO / O AMOR DOS POETAS

Uma sonoridade tradicional que não cai no saudosismo

Por André Barcinski (Folhapress)

O mineiro Antônio Eustáquio Trinda-de Ribeiro, mais conhecido por Toninho Geraes tem uma celebrada carreira de quatro décadas no samba. Desde que chegou ao Rio na primeira metade dos anos 1980 e estreou em disco na coletânea "Na Aba do Pagode", de 1986, Toninho se estabeleceu como um compositor querido por grandes intérpretes. Agepê gravou "Me Leva", o amigo Zeca Pagodinho interpretou "Seu Balancê" e Martinho de Vila gravou "Mulheres". Geraes contabiliza mais de 200 canções gravadas por nomes como Emílio Santiago, Beth Carvalho, Simone, Bezerra da Silva e Neguinho da Beija-Flor.

Apesar da carreira de sucesso, ficou mesmo conhecido do grande público recentemente, quando processou a cantora britânica Adele por supostamente ter plagiado a canção "Mulheres" na faixa "Million Years Ago", de 2015, creditada a ela e ao produtor musical e compositor americano Greg Kurstin. É uma pena que um compositor tão talentoso seja mais conhecido por um caso jurídico do que por sua arte. Se o grande público ouvir o novo disco de Toninho Geraes, "O Amor dos Poetas certamente vai perceber que ele não merece ser apenas conhecido como "o compositor que a Adele supostamente copiou".

"O Amor dos Poetas" tem 12 faixas de samba de raiz, algumas mais animadas e festivas, outras românticas e introspectivas, mas todas com uma produção bonita em sua simplicidade e sem nenhum traço do irritante verniz de "perfeição" que se ouve nas produções



Divulgação

Toninho Geraes e Chico Alves, um de seus parceiros mais frequentes: dupla compôs metade das faixas de 'A Alma dos Poetas' (no detalhe)



recentes, com aquelas vozes autotunadas e timbres de FM.

Mérito do produtor e arranjador Alessandro Cardozo, que imprimiu ao disco uma sonoridade que consegue soar tradicional sem ser saudosista.

Toninho Geraes tem uma verdadeira voz de sambista, meio rascante, daquelas que já passaram incontáveis horas em pagodes noite adentro. E como é bom ouvir um disco de samba com um cantor que parece estar num fundo de quintal

e não num púlpito.

Metade das 12 canções de "A Voz do Poeta" é composta por Toninho em parceria com Chico Alves. O mesmo Alves assina uma música sozinho, "Berço de Sereia", e Toninho gravou, em samba, uma versão linda da balada "Sozinho", de Peninha.

A canção que dá nome ao LP, "O Amor dos Poetas", é uma homenagem a Luiz Carlos da Vila, morto em 2008. E algumas músicas do disco poderiam ter se tornado hits nas vozes de gente como Agepê, Roberto Ribeiro ou Luiz Ayrão, como "Um Samba de Saudade" e "Desapego".

Toninho recebe a cantora Marina Iris para uma versão de "Samba Guerreiro", canção de Toninho gravada em 1996 pela grande Jovelina Pérola Negra.

E o disco encerra com a animadíssima "Seu Zé": "Quando desce o morro /ele vai trabalhar /com seu terno branco /baralho no bolso e o seu patuá /descendo a ladeira /lá vai o malandro /em cada esquina que passa /considerado ele é/ porque malandro que é malandro/ tem que respeitar seu Zé".

Um tesouro resgatado do mestre Adoniran

Eduardo Gudín põe música em letra inédita escrita pelo autor de 'Saudosa Maloca' por volta de 1977

Como se não bastassem serem artistas fundamentais para o samba de São Paulo, Eduardo Gudín e Adoniran Barbosa (1910-1982) eram muito amigos. No fim da vida, o autor de "Trem das Onze" fazia questão de ir à sede da produtora artística que o jovem colega montou, no bairro do Bixiga, para jogar conversa fora. O papo era tão bom que eles só tiveram tempo de fazer uma música juntos, "Armistício".

Depois de 42 anos da morte de Adoniran, os dois assinam "Vou Pegar o Metrô",



Helton Altman

Eduardo Gudín e Adoniran Barbosa em registro de 1982

que Gudín lança em single distribuído pela gravadora Biscoito Fino, com participação do Conjunto João Rubinato, grupo criado em 2009 que se dedica a preservar e divulgar

o legado artístico de Adoniran Barbosa.

"Vou Pegar o Metrô" surgiu por acaso. Cassio Pardini, produtor de filmes sobre Adoniran, descobriu no acervo do

artista uma matéria do jornal Notícias Populares, datada de 2 de maio de 1977. Naquela época, a expansão do transporte metroviário da capital paulista estava a todo vapor e a publicação divulgou a letra de um samba inédito de Adoniran sem título definido. No papel encontrado, há acréscimos feitos a caneta, demonstrando que Adoniran lapidou os versos. Se havia alguma melodia, ela se perdeu.

Com a letra entregue por Pardini em mãos, Gudín fez uma melodia pensando no estilo do amigo e assim a música ficou pronta. "Vou Pegar o Metrô" foi apresentada em primeira mão por Gudín e pelo Conjunto João Rubinato em um show no Sesc Pompeia, em junho de 2023. A letra segue atualíssima, já que milhões de moradores de São Paulo dependem diariamente do metrô. Hilda Maria e Cadu Ribeiro, integrantes do grupo, dão voz à canção junto a Gudín.

A gravação de "Vou Pegar o Metrô" é importante não somente por tornar pública uma música inédita de Gudín e Adoniran, mas para mostrar que o samba de São Paulo registra as transformações da cidade de maneira única, com a grife do veterano sambista, um dos grandes cronistas (e também personagens) de São Paulo.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Um mergulho no pop

"É tanta gente chata, mas hoje quero nada", com estes versos o cantor e compositor Nahoum lança o single "Utopia", segunda faixa do artista pela Ternário Records e distribuída pela Virgin Music, um braço da Universal Music Brasil. "Este meu novo single é o som mais pop que já lancei até agora. Tem influências da dance music dos anos 1990 com a sonoridade cluber atual. É uma música pra dançar, se divertir e se aliviar na letra, que conta com uma temática contemporânea sobre relacionamentos", explica o artista.

Divulgação



Moras/Divulgação



Um nova voz autoral

Uma música nova de uma nova artista. Tomaz, cantora e compositora carioca, nascida e criada na Zona Oeste da cidade, chega pra mostrar seu novo single e o clipe de "Sorriso Muito Largo", música de sua autoria, já em todas as plataformas. Este é o primeiro single de um projeto de música e audiovisual que aposta na dramaticidade e na intensidade, para contar uma história de amor e morte desse amor, explorando o universo de relações abusivas, empoderamento e liberdade feminina. Serão quatro singles, que culminarão em um EP com lançamento para os próximos meses.

Laura Frago/Divulgação



Momento especial

Compositora, cantora e atriz, Paula Raia atualmente trabalha seu novo álbum em colaboração com o parceiro e amigo João Mantuano e marca momento especial na carreira da artista. Paula recentemente viveu o sonho de muitos compositores: ver suas canções na voz de um dos maiores cantores de todos os tempos. A artista carioca divide a direção musical com Sacha Amback e assina as canções originais - interpretadas por Ney Matogrosso - do espetáculo "Entre a Pele e a Alma", da Focus Cia de Dança, dirigida pelo coreógrafo Alex Neoral.

ENTREVISTA / PAULO HALM, ROTEIRISTA E CINEASTA

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Um dos mais co-moventes acontecimentos do Festival de Paraty, encerrado no domingo (4), “De Pai Para Filho” estreia nesta quinta-feira (8) com a promessa de aquecer os corações do circuito audiovisual brasileiro. Chega com a certeza de traduzir a maturidade de Paulo Halm como diretor. Depois de escrever dois fenômenos de audiência seguidos no horário das novelas das sete da TV Globo - “Totalmente Demais” (2015) e “Bom Sucesso” (2019), criados em duo com Rosane Svartman -, esse bamba do roteiro regressa à direção de longas-metragens de ficção. Volta a ocupar o posto de cineasta entregando aos cinemas uma experiência afetiva definível como “um filme fofo”.

É como o realizador de “Histórias de Amor Duram Apenas 90 Minutos” (2009) se refere a uma comédia dramática (ou drama com tons generosos de humor) salpicada pelo sobrenatural. Tem romance, tem amizade, tem um fantasma ligado aos antigos espíritos do B-Rock e tem um astro em ascensão - Juan Paiva, o Buchecha de “Nosso Sonho” - num processo duplo de reeducação emotiva. O personagem dele é José, dono de uma loja de ferragens em Araraquara (SP). De um lado, José vai aprender o que é a paixão no sorriso de Dina (papel de Miá Mello). Do outro, com uma ajudinha do Além (ou seria de sua imaginação), José vai aprender que um abraço paterno pode ser um belo de um abrigo no carinho (espectral) de Machado, o Gasparzinho roqueiro vivido por um Marco Ricca com jeitão de Bill Murray.

“Parece um filme de Natal!”, brincou Halm ao receber o Correio da Manhã no set de filmagem central - um apartamento no Bairro Peixoto - onde a trama se passa.

A cada take com Machado, o fantasma vivido por Ricca, conversando com José, Halm fechava a cena sussurrando pros colegas “É Bill Murray total!”, enquanto seu diretor fotografia, Alex Arape, dava seus toques autorais à luz das cenas.

Há 22 anos, Halm foi laureado com



Mãe e filha, Miá Mello e Valentina Vieira, nos sets do longa ‘De Pai Para Filho’

o troféu Candango de melhor roteiro, no Festival de Brasília, por “2 Perdidos numa Noite Suja”, de José Joffily (de quem foi aluno, na UFF, e parceiro profissional). Em 2003, fez muita gente chorar com o curta “O Resto É Silêncio”, que dirigiu. Antes disso, em 1997, ele escreveu com José Roberto Torero, um ímã de suspiros: o “Pequeno Dicionário Amoroso”, de Sandra Werneck. Tem, portanto, tarimba para escrever tramas que emocionam e que nos revelam novas perspectivas sobre a condição humana.

Na entrevista a seguir, Halm explica a dimensão lúdica de uma narrativa que contagiou Paraty.

Qual é a ideia de paternidade que organiza as reflexões afetivas do seu filme em relação a pertencimento e ao senso de “segunda chance”?

Paulo Halm: Eu sempre falo que comecei a pensar o “De Pai Para Filho” com a perspectiva do Filho e terminei com do ponto de vista do Pai. Foi assim até porque nesse longo processo (foram onze anos, desde a primeira versão do roteiro até filmá-lo), eu virei pai (da Maria) e passei a ver a vida e o mundo com essa perspectiva. De certa forma, o José vive essa experiência, essa transformação, com esperança de ser um pai melhor. E, principalmente, de ser um homem melhor. As novas gerações de homens têm essa chance. Mais do que paternidade, acho que o filme fala da retomada do amor, do afeto. Vivemos um mundo muito duro.

Marcelo Gibson/Divulgação



O roqueiro Machado, vivido por Marco Ricca, abraça Juan Paiva em cena do filme de Paulo Halm

‘Vivemos um mundo muito duro’

Os últimos anos particularmente foram terríveis, com um desgoverno autoritário, negacionista, boçal, reacionário, de tendências fascistas. A trágica experiência do covid-19 que, muito por culpa deste mesmo desgoverno, causou 700 mil mortes, e o luto que milhões de pessoas viveram, e ainda vivem... tudo isso me fez querer fazer um filme que acolhesse as pessoas como um abraço carinhoso, esperançoso. O filme fala da possibilidade do amor, seja paternal, fraternal, conjugal... e também de novas formações familiares.

De que tipo de comédia estamos falando com um projeto como “De Pai Para Filho” e como ela lida com os limites do humor contemporâneos?

“De Pai Para Filho” não é exatamente uma comédia. Acho que está mais para o drama engraçado, o drama com humor, o que os americanos chamam de “Dramedy”, ou dramédia. O drama que não traumatiza. Acho que o filme dialoga tanto com o humor quanto com o drama, mas acho que é uma tendência, não só do cinema, mas das narrativas contemporâ-

Marcelo Gibson/Divulgação



Paulo Halm (de amarelo) nos sets do longa com o diretor de fotografia Alex Araripe diretora de arte Tainá Xavier

neas como um todo, romper os limites ou convenções da dramaturgia mais clássica. No mais, as cenas, sejam mais engraçadas ou dramáticas, têm que funcionar naquilo que se propõe: fazer rir, comover, emocionar, em favor de um resultado final único. Eu brinco que eu peguei personagens típicos de comédia e joguei em situações dramáticas. Seja como for, eu acho que é um filme que fará o espectador sair do cinema se sentindo bem, reconfortado, mas refletindo naquilo que viu ao longo de seus 124 minutos.

Você é uma das principais grifes de roteiro do país, indo de mestres (Hugo Carvana/ José Joffily) a aventuras com Lucas Neto. Que conflitos, limitações e fragilidades você detecta hoje na atividade de roteirista no país?

Passsei 12 anos escrevendo novelas. Fiz três, então acabei me afastando um pouco do cinema. Mas só um pouco. Acho que a tarefa de um contador de histórias, de qualquer contador de histórias, é ter algo interessante a dizer. E dizê-lo de forma in-

teressante. Isso vale para drama, comédia, ficção científica, terror. Portanto, não acho que exista nenhum grande impeditivo artístico ou narrativo para o trabalho do roteirista no Brasil. Talvez apenas a baixa remuneração. Mas pode ser que eu esteja mal-acostumado ao padrão global, saudades do peru do Dr. Roberto (referência à cesta de Natal da TV Globo), do plano de saúde, férias, décimo terceiro e o merchandising. Ah, o merchandising... Enfim. Em geral, roteirista não ganha bem. Continuo achando que o maior problema que limita e fragiliza nossa atividade, como contador de histórias, é a forma como os filmes são produzidos. O que nos limita são as tímidas, conservadoras, covardes mesmo mentalidades que controlam os recursos e definem o tipo de filme que é mais ou menos adequado, ou mais ou menos interessante, ou que possa ou não agregar e agradar mais pessoas. É lamentável que a maior parte dos recursos destinados a produção – e estamos falando de recursos públicos, que fique bem claro! – seja destinada aos distribuidores, ou seja, aos comerciantes de filmes, e não aos realizadores, aos produtores, que são aqueles que criam, que têm algo a contar, a mostrar. Isso afeta completamente o trabalho de quem cria, pensa, narra. Já no setor que não é financiado por recursos públicos, as plataformas de streaming, o que se vê é uma mentalidade típica do subdesenvolvimento, do colonizado, que obedece sem pestanejar as ordens das metrópoles. Uma narrativa baseada em beats, em estruturas pré-estabelecidas, em ditames e modelos, formatos etc. É uma chatice. E o mais anacrônico é que isso só vale para nossa produção. Os produtos coreanos, indianos, turcos, italianos, espanhóis, mexicanos, escandinavos – cujos produtos estão disponíveis em qualquer catálogo de qualquer plataforma – todos esbanjam originalidade, versatilidade, universalidade e tradição. São produtos que exploram os diferentes gêneros narrativos com liberdade e sem peias de uma estrutura mais convencional ou dita “agradável” ou palatável. Enquanto estivermos confinados por essas duas muralhas, econômicas e narrativas, estaremos mal. E como a perspectiva é de que, em breve, muito em breve, os recursos públicos estarão financiando as plataformas de streaming, a coisa não vai evoluir muito bem.

De que maneira a sua relação com a escrita contamina/ liberta a sua forma de dirigir?

Na verdade, eu sempre quis ser di-

retor. Entrei na UFF com essa ideia na cabeça, mas sem uma câmera na mão e nem dinheiro no bolso. Virei roteirista por necessidade financeira. Precisava ganhar dinheiro para viver. Eu gosto e acho que sei contar histórias. Para mim e para os outros. Então, paralelamente ao meu trabalho como roteirista profissional, eu sempre dirigi. Fiz diversos curtas-metragens, vários deles premiados. Escrever pra cinema não é um processo literário, é um processo cinematográfico, diretamente ligado à linguagem – que é audiovisual e não literária –, mas também ao processo de produção, à filmagem, à logística de cenários, de exteriores e de interiores, de filmagens diurnas e noturnas, e, principalmente, ao custo disso tudo. Por outro lado, há uma particularidade da criação cinematográfica que parece uma questão semântica, mas é fundamental: o diretor não filma aquilo que está escrito, ele filma aquilo que ele lê. Já há uma recriação na leitura. Então, não são atividades díspares, são dialéticas. O Truffaut dizia que filmava contra o roteiro e montava contra a filmagem. É (espero que seja) uma blague, mas de certa forma define os limites de cada etapa do processo de criação audiovisual. São partes fundamentais e indissociáveis de um todo. Então, escrever me ajuda a dirigir melhor. E dirigir me ajuda a escrever melhor.

Tem mais algum filme chegando aí, ou séries ou novelas?

Fazer filmes leva muito tempo, lembrando que demorei onze anos pra conseguir tirar o DPPF do papel. Melhor dizendo: levantar os recursos necessários para fazer um filme é um longo processo que nem sempre ou quase nunca tem a ver com a qualidade do projeto. Eu tenho um novo projeto que acho bem legal, uma comédia dramática com romance e muita música. Se chama “BotaSoho”. Vamos ver quanto tempo vou levar para fazer esse filme. Paralelamente, estou desenvolvendo com o ator Zé de Abreu um roteiro de longa-metragem sobre o mítico e desastrado Congresso da UNE de Ibiúna. É uma trama centrada nos jovens Zé Dirceu, Vladimir Palmeira e Eduardo Travassos, e claro, no próprio Zé de Abreu. Mas não vai ser um filme para sentenças nostálgicas de 68, não. Vai ser um filme sobre e para a rapaziada. Para mudar um pouco de ares e sabores, escrevi um romance policial com humor (sempre) chamado “Noir Cafuçu”. Estou negociando a publicação. Espero que não demore tanto como fazer um filme.

MORA NA FILOSOFIA

ALDO TAVARES
PROFESSOR-MESTRE EM FILOSOFIA

Papo com Byung-Chul Han

Bela capital onde Byung-Chul Han nasceu, marcamos nosso encontro no centro de Seul, num espaço aberto do templo budista da Ordem Jogyesa, cuja construção nos remete a 1395. À sombra de um pinheiro com 26 metros de altura, sentamos à mesa e pedimos o prato favorito das ruas da capital da Coreia do Sul, o tteokbokki, bolinhos de arroz macios com um molho picante e adocicado. Enquanto eu degustava pela primeira vez o alimento, saboreava as palavras de Byung-Chul sobre o poder. Após o bate-papo, realizamos nossos pedidos com as lanternas de lótus. Encontrar pessoas é encontrar palavras.

Qual foi o caminho para chegar à filosofia?

No final dos meus estudos metalúrgicos, me senti um idiota. Eu realmente queria estudar algo literário, mas na Coreia não podia mudar meus estudos, nem minha família teria permitido. Eu não tinha escolha a não ser sair. Menti para meus pais e me estabeleci na Alemanha, embora mal conseguisse me expressar em alemão. Eu queria estudar literatura alemã.

E a filosofia?

De filosofia, eu não sabia de nada. Descobri quem eram Husserl e Heidegger quando cheguei a Heidelberg. Eu, sendo romântico, fingi estudar literatura, mas li muito devagar, então não pude fazê-lo. Eu mudei para a filosofia. Para estudar Hegel, a velocidade não é importante. Basta ler uma página por dia.

Em 2022, a editora católica Vozes publicou um de seus livros, “Hegel e o Poder”, você poderia falar um pouco?

Este meu livro explora a vida interior da filosofia hegeliana, na medida em que a ilumina a partir do fenômeno do poder.

Mas o poder não é um componente marginal do sistema hegeliano?

Não, o poder é sua constituição interna, e eu mostro nesse livro tanto seu brilho quanto seu limite.

O que é o poder?

De forma leviana, ele é coação, repressão ou violência, mas ele não é isso, porque o poder une, sendo a capacidade de se continuar inabalável no outro.

Mas Hegel não pensa o poder como repressão?

Ele foi o primeiro a pensá-lo como repressão, mas não se reduz a isso.

Então, nas páginas de Hegel e o poder, você pensa o poder não repressivo.

Isso mesmo, é o que escrevo, por exemplo, na página 117, onde o poder que determina não atua de modo repressivo, porque o poder deseja a amizade e, sobre o amigo, meu livro faz refletir quem ler.

Estranho.

Se não fosse estranho, não seria filosofia, por isso digo que o poder não priva o outro, ao contrário, ao dar liberdade, ele imprime outra forma de violência.

Animada ode à arte de ler

Sucessos de vendas nas livrarias e o êxito da série ‘Ollie, o Coelho Pedido’ ampliam o interesse do mercado infantojuvenil pela literatura de William Joyce

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Durante as férias de julho, as boas vendas em livraria de “Bently & Egg” nas compras infantis e a recente versão de “Ollie’s Odissey” para a Netflix (na forma da minissérie “Ollie, o Coelho Pedido”), ampliaram o prestígio do ilustrador, cineasta e escritor William Joyce comentando uma corrida por sua publicação mais famosa: “Os Fantásticos Livros Voadores de Modesto Máximo”.

Tem uma edição em capa dura dessa joia à venda na Amazon Prime e é possível encontra-lo pelos sebos virtuais da web também. Fuçando a internet, via Google Play, é possível chegar a uma aclamada adaptação da prosa de W. Joyce para os cinemas: “The Fantastic Flying Books of Mr. Morris Lessmore”, ganhador do Oscar de Melhor Curta de Animação em 2012.

Vogais e consoantes são servidas a livros famintos em tigelas fundas, regadas a leite, como se fossem Sucrilhos, em um dos quebra-molas narrativos de “Os Fantásticos Livros Voadores de Modesto Máximo”, que traduz toda a fantasia do universo decorado de “literatices” de W. Joyce nos livros. No desenho derivado dessa fábula, ele teve um parceiro de criação: Brandon Oldenburg.

Voz autoral

Seu realizador, Willim Joyce, é um americano da Louisiana, hoje sexagenário, que foi um dos produtores do sucesso “Robôs” (2005), de Carlos Saldanha, e encontrou sua voz autoral ao partir para um formato de experimentação digital: seu curta virou um aplicativo de iPad, para assegurar ao diretor alguma lucratividade.

Com o Oscar, o produto, que assegurou para si um público leitor em gadgets eletrônicos, alcançou uma nova encarnação na forma de livro, aqui lançado pela Rocco, e bem trazido por Elvira Vigna.

Modesto, ou Morris, é um Visconde de Sabugosa que alcança, na ficção, clarividência similar àquela atribuída à escritora e ilustradora inglesa Beatrix Potter (1866-1943). Lendas (que se tornaram ainda mais célebres após o filme “Miss Potter,



Divulgação

Uma bela ode ao hábito da leitura, ‘Os Fantásticos Livros Voadores de Modesto Máximo’, ganhou animação oscarizada

com Renée Zellweger) falam que ela via os animais saltitantes e boquirrotos de sua obra em visões que mais eram exercícios de criação do que algum autismo iluminado.

Morris, na trama animada por Joyce, é como Beatrix: ele vê os relevos mais inusitado no acidente geopolítico de inclusão pelo assombro que a arte literária é. Por isso, pessoas que não leem são vistas por ele como almas sem cor. Cada uma delas que recebe um livro, adquire vermelhidão, “azulice”, “amarelitude”, negrume... É a vida que se instaura, entra e salta, pimpona. Estamos diante de uma ode à essencialidade do verbo “ler” como um exercício de empoderamento essencial. Quem lê não apenas sabe mais: vive mais... e melhor.

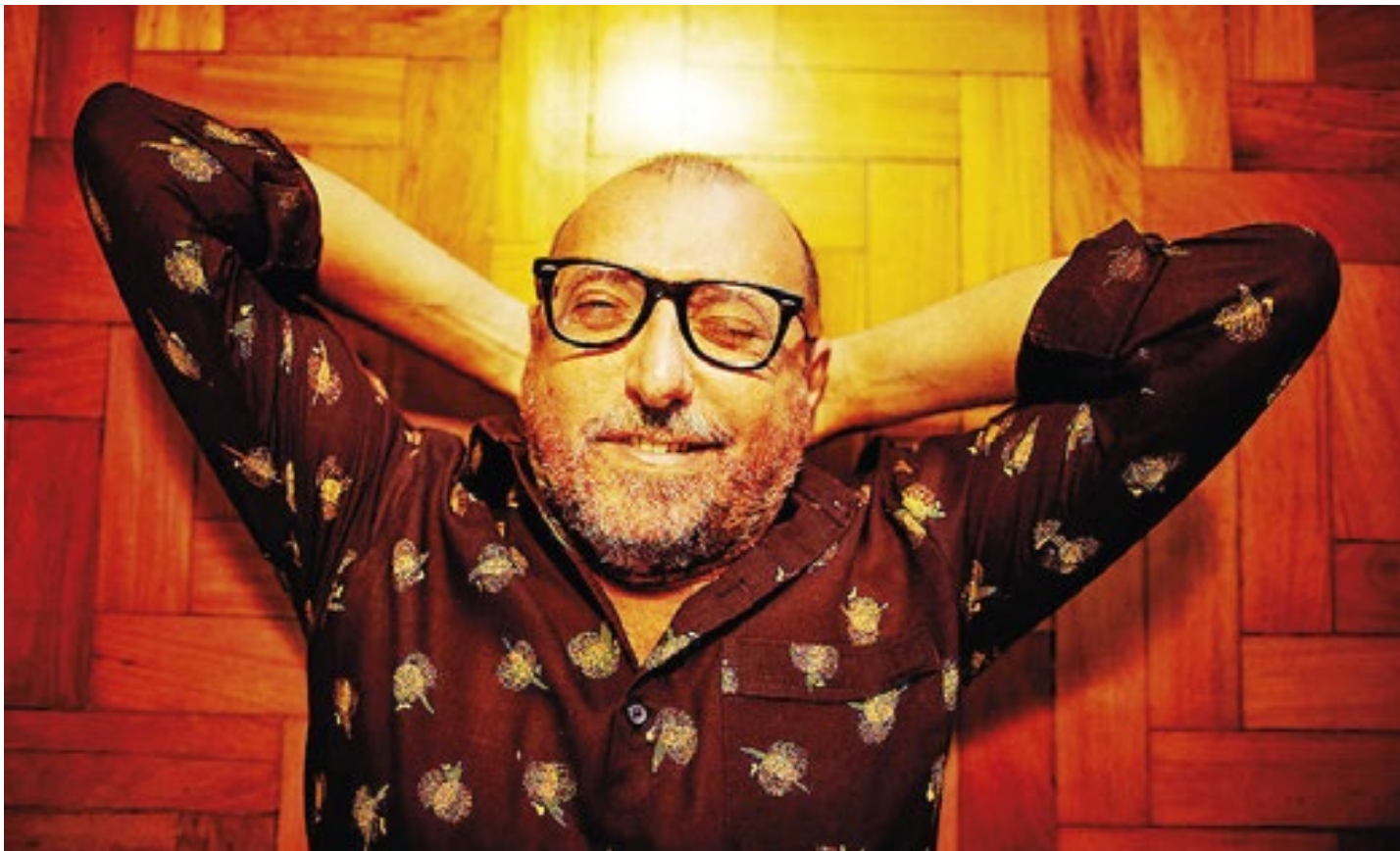
Como seu Sancho Pança etéreo, Morris conta com Humpty Dumpty, prosopopeia em forma de ovo que saiu da Carochinha, nas peripécias da Mãe Ganso. A albumina falante testemunha cada passo do paladino consonantal de William Joyce como o Grilo Falante de Pinóquio. É seu guru, um Sr. Miyagi que guia seus passos numa dinâmica serena, de “Limpe o assoalho”.

Cada gesto de Humpy Dumpty é de acolhimento, no ofício do coadjuvante que ajuda o personagem principal a trilha sua moira com o dinamismo da doçura. Sua presença engorda a carne de uma iguaria da animação independente dos EUA, gestada fora dos auspícios da Disney/Pixar, com espaço para ousar... e metáforas para encantar.

CRÍTICA / LIVRO / CÃO MIJANDO NO CAOS

Xico Sá solta os cachorros

Daniel Marenco/Folhapress



Em 'Cão Mijando no Caos', Xico propõe um balanço dos últimos anos no Brasil sob o ponto de vista do boteco

Por Ivan Finotti (Folhapress)

A forma como a política se infiltrou na comédia da vida cotidiana nos últimos anos é motivo de lamentação para muitos. Inclusive para os cronistas, que narravam detalhes do dia a dia com delicadeza e poesia e se viram sugados para o buraco negro da polarização sob o risco de se tornarem irrelevantes.

Essa é uma das discussões do jornalista Xico Sá em seu mais recente livro de crônicas, "Cão Mijando no Caos", que se propõe a ser um balanço da última década brasileira sob o ponto de vista do boteco.

"Já teve muito balanço sobre esse período de 2013 para cá. Balanço da academia, da sociologia etc. Busco agora dar a contribuição da boêmia ao assunto", explica Sá, que escolheu uma padaria bem estilo boteco para dar essa entrevista.

A ressaca antidemocrática guia os 69 textos da obra, pequenos, de duas páginas, "para ler em pé no metrô ou no banheiro". Crônicas que dão voz a personagens de São Paulo, como o camelô que há uma década vendia camisetas do Che Guevara para estudantes e se viu, anos depois, oferecendo bandeiras verde-amarelas para patriotas de bem - "o pior canalha", na visão de Sá.

O apelido desse camelô, Bacanaço, remete à obra de João Antônio "Malagueta, Perus e Bacanaço". Naquele livro, o autor passeava por subúrbios paulistanos cortados por linhas férreas ao lado dos esquecidos da história.

Sá caminha por essas mesmas ruas, mas seus personagens estão acima da linha da miséria. Marcou-lhe, por exemplo, o vizinho classe média de Pompeia que, em meio a panelaços e gritos do jornalista a favor de Dilma, urrou ao cearense Xico: "Volta para a Bahia, comunista!".

"Eu vinha andando tão só, pelas várzeas paulistanas da Barra Funda, que o grito de 'comunista' me seguia pela cidade. (...) Não vou bancar o lamiônico e dizer que não tive medo. Tive sim, em especial naquele dia nos arredores da praça da Sé", escreve.

"Havia ido pegar no conserto uma máquina de datilografia no Oliveira Typewriter, na rua do Carmo, centrão de SP. Um sujeito berrou 'comunista' e partiu para o ataque. 'Eita porra', suspirei. 'Agora lascou a tabaca de Xôla.'"

Os curiosos devem buscar a conclusão desse atentado nas páginas do livro - sem spoilers por aqui. Mas, como se vê, a escrita de Xico não nega o seu coração cearense, mesmo tendo chegado a São Paulo há tanto tempo, no Dia da Mentira de 1990.

"Bolsonaro pautou sua manada contra mim em pelo menos dois momentos", conta. Xico era reconhecido nas ruas por sua atuação na TV aberta desde o programa "Amor e



Sexo", que estreou na Globo em 2009.

Depois seguiu para o SporTV e está sempre sendo convidado para mesas-redondas, sobre esportes ou política. Está diariamente no site ICL Notícias e escreve semanalmente no Diário do Nordeste.

Política essa que era seu ambiente quando começou a escrever na Folha de São Paulo nos anos Collor, no começo da década de 1990. Além de repórter, foi colunista e manteve um blog. Foi o jornalista para quem o desaparecido PC Farias telefonou para avisar que estava em Londres, antes de morrer em circunstâncias até hoje misteriosas. "Mas isso é assunto para meu próximo livro", diz o boêmio.

Só que boêmio, de verdade, Xico não é mais. "Acordo cada vez mais cedo, 6h30, 7h, e já escrevo de manhã com os sabiás. Os mesmos sabiás que não me deixavam dormir quando eu chegava da rua bons tempos", diverte-se ele.

Voltando ao início do texto, a política sequestrou o lirismo da crônica brasileira? "Sim", ele responde. "A crônica era aquela leveza no meio dos textos de jornal. Nos últimos tempos, ou batia bola na política ou acabava alienado, sem leitores. Agora, eu acredito que nas próximas eleições presidenciais não vai ter essa guerra campal que vimos nos últimos anos. Bem... Tomara, né?"

O título "Cão Mijando no Caos" é parte de um verso do poeta Carlos Drummond de Andrade. Esse verso inesquecível estava na prova que o autor fez, na mocidade, para ser concursado do Banco do Brasil próximo a Crato, sua cidade natal.

Ele não passou no exame e o mundo ganhou um jornalista, um "comunista" e um cronista. Mas, como nunca se esqueceu disso na vida de retinas tão fatigadas, sempre quis usar o verso como título de um livro. Ei-lo.

A festa é nossa

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

A carne de boi ou carne de vaca, comumente chamam as donas de casas aquela de boi-ralado, bife de panela, ensopadinho tem sido substituídas por cortes mais nobres. Essa mudança acontece com a popularização do churrasco, que está em todas as casas, esquinas, quintais, puxadinhos. No Brasil, o mais popular, como o consórcio e o 3 vezes sem juros, invenção brasileiríssima é a picanha.

O preâmbulo foi grande porque o Cortés Asador, no Shopping Leblon, completa 10 anos de existência, e para celebrar, está apresentando uma seleção de novos cortes de Wagyu. A raça de origem japonesa conhecida por seu marmoreio, maciez e sabor incomparável, estará disponível em versões individuais de: Ancho, o começo do contrafilé, Chorizo, parte do contrafilé com borda de gordura externa, e Denver Steak, extraído do dianteiro do boi.

Eu e a amiga Teresa somos daquelas que adoram boi

CRÍTICA / RESTAURANTE / CORTÉS ASADOR

Iago Fundaro/Divulgação



A marmorizada Wagyu no corte Denver Steak

berrando e não resistimos a uma boa carne. Lá fomos nós depois de ver “Divertidamente 2”, o que nos permitiu todas as traquinagens. Fomos recebidas de forma excepcional pelo Iago, com suporte da simpática Cida. E logo nos indicaram a linguiça de pernil e paleta do porco Duroc (tradicional raça doméstica) com pétalas de cebola assada e chimichurri. A linguiça e fininha, crocante e as pétalas de cebola são macias e conservam o dulçor. Interrompemos, contrariadas, porque a missão eram os cortes de Wagyu.

Pedimos o ancho e o chorizo, cortes dos hermanos que jamais erramos. Além da qualidade absurda, o ponto de churrasco veio excepcional. Tostado por fora, mal-passado sem sangrar e a gordura quase crocante. Esbanjamos nos acompanhamentos e nos molhos. A batata brava é quebrada rusticamente, temperada com páprica, ervas e com a ótima maionese verde consistente para se mergulhar. A farofa de biju, o ponto mais grosso da mandioca, o molho de manteiga, as chips crocantes feitas na casa nos fizeram sentir o prazer de saborear uma refeição completa.

SERVIÇO

CORTÉS ASADOR

Av. Afrânio de Melo Franco, 290 - Loja 410 - Leblon
Segundas (12h às 15h e das 19h às 22h); terça a quinta (12h às 22h); sextas e sábados (12h às 22h30); e domingos e feriados (12h às 22h)

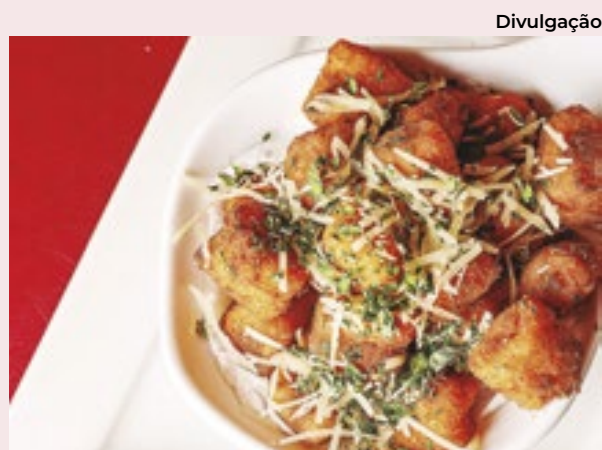
NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Combinado dos pais

Para o Dia dos Pais, o Peixoto Sushi criou um cardápio com as peças preferidas de pai e filho: no combinado imperial: 46 peças de sashimis, sushis variados e makis; o family experience, em três tempos, entradas como camarão croc; principais usuzukuri de salmão, sashimis e sushis variados, gunkan de salmão com cordona e camarão spicy, e enfim harumakis de nutella com morango; além do moriawase dentro: 43 peças de sashimis, sushis e makis variados/R\$190; e o vol-au-vent de camarão com musseline de baroa.

Divulgação



Divulgação

Novidades no Mr. Lenha

O Mr. Lenha preparou um cardápio focado em queijos e vinhos com muitas novidades. Para acompanhar o nhoque empanado e o risoto de cogumelos, os inéditos vinhos Bordeaux também harmonizam com as novas pizzas: Tradicional Toscana (com molho tomate pelado, mozzarella, catupiry e calabresa moída) e a Blumenau da Casa (mozzarella, linguiça Blumenau e cebola roxa). A carta de drinks recebe duas novidades, o Blue Fresh (gin, com purê de morango, limão e tônica) e o Fragola Waves (gin, xarope de gengibre, xarope de curaçau blue e suco de limão).

Divulgação



Direto do Cochon Rouge

Na próxima quinta-feira (8), às 17h, o Bar Maravilha, recebe o chef e fundador da Cochon Rouge, Pedro Attayde. Com mais de 15 anos de trabalho em gastronomia, Pedro é especializado em processos criativos na elaboração de negócios de A&B, gestão de equipes e técnicas de charcutaria. Os especiais com as gostosuras do Pedro são carne de panela, purê de feijão branco e óleo picante de amendoim; Carolinas de patê de fígado; Sando Coxinhas creme e Maravilha de linguiça. Os ótimos produtos da Cochon Rouge estão disponíveis na Casa Fidalgus, na Visconde de Pirajá.